

## A VIOLENCIA NAS ESCOLAS: O CASO DO BULLYING

MARIANA LOPES GALLEGO

JOSÉ JAIRO VIEIRA

Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação (LAPEADE)/ FE/UFRJ

### INTRODUÇÃO:

Quando discutimos sobre a violência contra crianças e adolescentes e a vinculamos aos ambientes onde ela acontece, a escola surge como um espaço ainda pouco estudado, principalmente com relação ao comportamento agressivo que existe entre os próprios estudantes. De acordo com Pearce JB (1998) e Elinoff (2004) a violência nas escolas é um problema social grave e complexo e, provavelmente, o tipo mais freqüente e visível da violência juvenil.

O termo "violência escolar" retrata todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc. Muitas dessas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários. Porém, a solução possível pode ser obtida no próprio ambiente escolar.

O comportamento violento, que causa tanta preocupação e temor, resulta da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade. Segundo Neto AA (2004) o modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo.

Uma forma de violência que vem ganhando destaque por meio dos estudos acadêmicos é o *bullying*, especialmente em alguns países. Conforme Almeida, Lisboa e Caurcel (2007), Lopes Neto (2005) e Pizarro e Jiménez (2007) tal violência ocorre através da perseguição e intimidação de um aluno por um ou vários colegas, com a intenção clara de provocar-lhe sofrimentos e apresenta caráter repetitivo e intencional.

### O que é o Bullying?

A escola é de grande importância para as crianças e adolescentes, e os que não gostam dela têm maior probabilidade de apresentar desempenhos insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida. Os relacionamentos interpessoais e o desenvolvimento acadêmico estabelecem uma relação direta, onde os estudantes contam com maiores possibilidades de alcançar um melhor nível de aprendizado. Portanto, a aceitação pelos companheiros é de grande relevância para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

A agressividade nas escolas é um problema universal. De acordo com Craig WM (2004) o *bullying* e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e adolescência. O *bullying* diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de uma outra mais poderosa. Tanto o *bullying* como a vitimização têm conseqüências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores.

Por definição de Pearce JB (1998) e Neto AA (2004), *bullying* trata-se de comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder e que são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais.

As pesquisas sobre *bullying* são recentes e ganharam destaque a partir dos anos 1990. A adoção universal do termo *bullying* foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. Durante a realização da Conferência Internacional Online *School Bullying and Violence*, de maio a junho de 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito dado à palavra *bullying* dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros. No Brasil, como importantes referências, vale mencionar Fante (2003, 2005) que realizou estudos de caracterização de *bullying* em cidades do interior do estado de São Paulo-SP e Lopes Neto (2005) que junto da Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), desenvolveu o Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, com mais de 5.500 alunos de 5<sup>as</sup> a 8<sup>as</sup> séries do Ensino Fundamental, na cidade do Rio de Janeiro-RJ, ao investigar as características de tais atos, além de sistematizar estratégias para intervir e reduzir a agressividade entre os escolares.

Todos desejamos que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde crianças e adolescentes possam desenvolver, ao máximo, os seus potenciais intelectuais e sociais. Portanto, não se pode admitir que sofram violências que lhes tragam danos físicos e/ou psicológicos, que testemunhem tais fatos e se caíam para que não sejam também agredidos e acabem por achá-los banais ou, pior ainda, que diante da omissão e tolerância dos adultos, adotem comportamentos agressivos.

O *bullying* é classificado por Pearce JB (1998) e Neto AA (2004) como direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto, quando estão ausentes. São considerados *bullying* direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos. São atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. O *bullying* indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas.

As crianças e adolescentes podem ser identificados como vítimas, agressores ou testemunhas de acordo com sua atitude diante de situações de *bullying*. Considera-se alvo o aluno exposto, de forma repetida e durante algum tempo, às ações negativas perpetradas por um ou mais alunos. Entende-se por ações negativas as situações em que alguém, de forma intencional e repetida, causa dano, fere ou incomoda outra pessoa. O autor de *bullying* é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos anti-sociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Pode manter um pequeno grupo em torno de si, que atua como auxiliar em suas agressões ou é indicado para agredir o alvo. Dessa forma, segundo Pearce (1998), o autor dilui a responsabilidade por todos ou a transfere para os seus liderados. Esses alunos, identificados como assistentes ou seguidores, raramente tomam a iniciativa da agressão, são inseguros ou ansiosos e se subordinam à liderança do autor para se proteger ou pelo prazer de pertencer ao grupo dominante.

Uma nova forma de *bullying*, conhecida como *cyberbullying*, tem sido observada com uma frequência cada vez maior no mundo. Segundo Bill Belsey, trata-se do uso da tecnologia da informação e comunicação (e-mails, telefones celulares, mensagens por pagers ou celulares, fotos digitais, sites pessoais difamatórios, ações difamatórias online) como recurso para a adoção de comportamentos deliberados, repetidos e hostis, de um indivíduo ou grupo, que pretende causar danos a outro(s).

Considerando-se que a maioria dos atos de *bullying* ocorre fora da visão dos adultos já que os alunos que não se envolvem diretamente em atos de *bullying* geralmente se calam por medo de ser a "próxima vítima" e grande parte das vítimas não reage ou fala sobre a agressão sofrida, pode-se entender por que professores e pais têm pouca percepção do *bullying* (Fonte: Shroff Pendley JS. *Bullying and your child*).

Alvos, autores e testemunhas enfrentam conseqüências físicas e emocionais de curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais.

Pessoas que sofrem *bullying* quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa auto-estima quando adultos. Da mesma forma, quanto mais jovem for a criança freqüentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos anti-sociais em adultos e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros.

Conscientizar as crianças e adolescentes que o *bullying* é inaceitável e que não será tolerado permite o enfrentamento do problema com mais firmeza, transparência e liberdade

Os melhores resultados são obtidos por meio de intervenções precoces que envolvam pais, alunos e educadores. O diálogo, a criação de pactos de convivência, o apoio e o estabelecimento de elos de confiança e informação são instrumentos eficazes, não devendo ser admitidas, em hipótese alguma, ações violentas

Todos os programas anti-*bullying* devem ver as escolas como sistemas dinâmicos e complexos, não podendo tratá-las de maneira uniforme. Em cada uma delas, as estratégias a serem desenvolvidas devem considerar sempre as características sociais, econômicas e culturais de sua população.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os programas que enfatizam as capacidades sociais e a aquisição de competências parecem estar entre as estratégias mais eficazes para a prevenção da violência juvenil, sendo mais efetivos em escolas da educação infantil e do ensino fundamental. Um exemplo de programa de desenvolvimento social que utiliza técnicas comportamentais em sala de aula é aquele implantado para evitar o comportamento prepotente agressivo (*bullying*) (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2001) .

O Programa de Prevenção do *Bullying* criado por Dan Olweus é considerado como o mais bem documentado e mais efetivo na redução do *bullying*, na diminuição significativa de comportamentos anti-sociais e em melhorias importantes no clima social entre crianças e adolescentes, com a adoção de relacionamentos sociais positivos e maior participação nas atividades escolares (Fekkes M, Pijpers FI, Verloove-Vanhorick, 2005).

### **Considerações:**

Ao analisar a quem os alunos recorrem quando maltratados na escola, percebe-se então que, boa parte busca o auxílio dos pais e professores. É fato que o *bullying* se faz presente nas escolas e que muitas vezes estes casos de violência estão tão bem camuflados que ninguém consegue identificá-los e mediá-los; ou as pessoas vêem e preferem não tomar parte, ou até mesmo, não se sentem preparadas para tal, inclusive os professores, justificando a necessidade de maiores debates na área da educação visando uma conscientização sobre os efeitos do *bullying*, os quais não ficam restritos às vítimas, agressores e espectadores, mas à sociedade de uma forma geral.

Nesse sentido, aponta-se para a necessidade da realização de pesquisas que busquem compreender se a ausência ou dificuldade de relações sociais em ambientes não escolares favorece a ocorrência de violência entre pares. Torna-se necessário ainda pensar em que medida os aspectos culturais e sociais podem interferir na produção do *bullying*.

Convém salientar que diante de todas as suas limitações, este estudo não teve a pretensão de esgotar as discussões sobre o *bullying* e, sim de contribuir para dar-lhe visibilidade no meio acadêmico e escolar, bem como auxiliar na elaboração de projetos que se voltem ao enfrentamento do *bullying*. Autores como Lopes Neto (2005) e Mascarenhas (2006) explanam que tais projetos devem envolver professores, funcionários, pais e alunos, de modo que a participação de todos assegure estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. Tais ações visam promover vivências, debates e conscientização geral, além de explicitar valores fundamentais de respeito mútuo, solidariedade e diálogo, durante todos os momentos da vida escolar.

As instituições de educação, assim como seus profissionais, devem reconhecer a extensão e o impacto gerado pela prática de *bullying* entre estudantes e desenvolver medidas para reduzi-la rapidamente.

O *bullying* pode ser entendido como um balizador para o nível de tolerância da sociedade com relação à violência. Portanto, enquanto a sociedade não estiver preparada para lidar com o *bullying*, serão mínimas as chances de reduzir as outras formas de comportamentos agressivos e destrutivos (Pearce JB, 1998).

Até o momento podemos apontar para a existência do *bullying* neste espaço escolar. Ao analisar a quem os alunos recorrem quando maltratados na escola, percebe-se então que, boa parte busca o auxílio dos pais e professores. Daí a importância dos professores estarem instrumentalizados para perceberem, agirem e modificar esta situação.

### Referencias Bibliograficas:

- Pearce JB, Thompson AC. Practical approaches to reduce the impact of bullying. Arch Dis Child. 1998;79:528-31.
- Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. A Cultura da Paz em Resposta à Violência. Suplemento Rio Estudos. Diário Oficial do Município, 2001 Aug 13.
- Fekkes M, Pijpers FI, Verloove-Vanhorick SP. Bullying: who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in bullying behavior. Health Educ Res. 2005;20:81-91.
- University of Colorado. Center of Study and Prevention of Violence — Institute of Behavioral Science at University of Colorado at Boulder. Blueprints for violence prevention — Training and technical assistance. [www.colorado.edu/cspv/blueprints/model/programs/BPP.html](http://www.colorado.edu/cspv/blueprints/model/programs/BPP.html).
- Elinoff MJ, Chafouleas SM, Sassu KA. Bullying: considerations for defining and intervening in school settings. Psychol Sch. 2004;41:887-897.
- Shroff Pendley JS. Bullying and your child. [www.kidshealth.org/parent/emotions/behavior/bullies.html](http://www.kidshealth.org/parent/emotions/behavior/bullies.html).
- Neto AA, Saavedra LH. Diga NÃO para o *Bullying*. Rio de Janeiro: ABRAPI; 2004.
- Craig WM, Harel Y. Bullying, physical fighting and victimization. In: Currie C, Roberts C, Morgan A, Smith R, Settertobulte W, Samdal O, et al. (editors). Young people's health in context. Health Behavior in School-aged Children (HBSC) study: international report from the 2001/2002 survey. Health Policy for Children and Adolescents; N° 4. World Health Organization. 2004. p. 133-144. [
- Lopes Neto, A. A. (2005). *Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria* (Rio de Janeiro), 81(5), 164-172.
- Mascarenhas, S. (2006). Gestão do *bullying* e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia). *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7(1), 95-107.
- Fante, C. A. Z. (2003). *Fenômeno bullying: Estratégias de intervenção e prevenção entre escolares (uma proposta de educar para a paz)*. São José do Rio Preto, SP: Ativa.
- Fante, C. A. Z. (2005). *Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, SP: Verus.

José Jairo Vieira  
Lapeade/Fe/UFRJ  
[Jairo.vieira@uol.com.br](mailto:Jairo.vieira@uol.com.br) - (21) 8314-2783